

SESSÕES DO PLENÁRIO

24ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 13 de junho de 2025.

PRESIDENTE: DEPUTADA FABÍOLA MANSUR (ad hoc)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Invocando a proteção de Deus e dos orixás, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel, o ilustre obá odofin, conforme proposição desta deputada Fabíola Mansur, que vos fala.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.^a Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, representando o Sr. Jerônimo Rodrigues, governador do estado da Bahia; a Sr.^a Luisa Maria Feitosa Daniel, representando a família do nosso homenageado; a Sr.^a Fernanda Lordêlo, secretária de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude do município de Salvador; o Sr. Plínio Roberto Barreto Sodré, conselheiro e vice-presidente do Cremeb-BA; a nossa querida iyá kekerê mãe Ditinha, do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, representando a comunidade de terreiro; a nossa eterna Martha Vasconcellos, a Miss Brasil, Miss Universo e amiga do nosso homenageado; a Sr.^a Bárbara Cristiane Bembem Pereira Pinto, amiga do homenageado; e a nossa deputada federal Lídice da Mata que estava homenageando o centenário de Mãe Stella, ontem, em Brasília, junto com o nosso senador Jaques Wagner, pois Lídice tem se destacado na representação da Bahia e, sobretudo, nas lutas por igualdade racial. (Palmas)

Solicito às irmãs do homenageado, Célia e Luisa, e aos seus sobrinhos Edson, Rodrigo, Fernanda, Socorro e Camila, conduzir a este recinto o Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel, obá odofin, para o recebermos com muito carinho.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Gostaria de convidar, para compor a Mesa, a ilustre Sr.^a Fabya Reis, secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia. (Palmas)

Registro as presenças do Sr. Sílvio Humberto, nosso vereador de Salvador, pois veio prestigiá-lo, tem outra agenda e preferiu estar assistindo de lá; e do nosso querido Zulu Araújo, ex-presidente da Fundação Palmares.

Convido todos para, em posição de respeito, ouvirmos a execução do Hino da Bahia, com o Coral do Legislativo, sob a regência do maestro Angelo Rafael.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Gostaria de chamar, para compor esta Mesa, a ilustre Marta Rodrigues, vereadora da cidade do Salvador; e o Dr. Jorge Cerqueira, representando a turma de 1968, o nosso ex-presidente do Creneb, atual conselheiro e meu professor amigo.

Nesta sessão especial, a dinâmica de concessão do Título de Cidadão Baiano é diferente. Primeiro, há o discurso do proponente ou da proponente da homenagem e, depois, o discurso do homenageado. Depois, se alguém quiser fazer uso da fala por alguns minutos poderá fazê-lo com autorização desta deputada, que vos fala.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Neste momento, farei uso da palavra.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Bom dia, mais uma vez, a todas as pessoas presentes.

Este é um dia muito especial. Com certeza, o 13 de junho é especial para esta Casa, Dr. Ribamar, porque tem a oportunidade de homenageá-lo, uma pessoa tão ilustre e tão representativa para a Bahia. O 13 de junho foi quando os deputados desta Casa, por unanimidade, aprovaram o nome de V. S.^a para receber o Título de Cidadão Baiano. Com certeza, o 13 de junho, para os católicos, é também o dia de Santo Antônio, esse santo casamenteiro e, por coincidência, é o dia do seu casamento de direito com a terra que você tanto ama, que é a Bahia.

Eu quero começar dizendo que eu tenho um orgulho muito grande de ser a proponente da concessão deste título, não só porque representa um grande médico otorrinolaringologista com serviços prestados inequivocamente à população mais carente, mas também por ter formado inúmeros médicos. Eu, como médica oftalmologista, tive o prazer, também, de conhecê-lo.

Esta Mesa representa muito bem a história da sua vida.

Temos, aqui, Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, amiga que sempre prestigiou as sessões nesta Casa, representando Jerônimo Rodrigues, o nosso governador; Fabya Reis, ex-secretária da Sepromi e atual secretária da Seades. Então, V. Ex.^a está muito bem prestigiado e representado através da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia.

Temos, ainda, a nossa deputada federal Lídice da Mata. Ela é a minha líder política e, também, uma grande representante da Bahia, em Brasília, para a cultura, turismo e lutas por igualdade racial e justiça social.

Aqui, na Bahia, nós, eu e a deputada Olívia, fizemos a homenagem ao centenário de Mãe Stella de Oxóssi, há pouco menos de 1 mês. Nós temos, com certeza, muita felicidade por poder te dar este título, no ano do centenário de Mãe Stella de Oxóssi, Ribamar, a você que foi tão significativo para o Ilê Axé Opô Afonjá. Esta comemoração é quase uma extensão da festividade do centenário.

Ontem, Lídice estava com o nosso senador Wagner e com o deputado federal Bacelar homenageando, também, no Congresso Nacional, o centenário de Mãe Stella de Oxóssi.

Representando a família do homenageado, nós temos a nossa querida Luisa Maria Feitosa Daniel. Isso é muito importante. Ribamar sempre fez questão de prestigiar e ser conduzido pela sua família a esta sala. E a entrega do título também será das mãos da família, porque ele é família.

Há a nossa querida amiga e vereadora Marta Rodrigues que prestigia este ato. Estiveram, também, aqui, os vereadores de Salvador: Sílvio Humberto e Aladilce. Marta, você, também, me representa nas lutas por igualdade, justiça e em defesa dos direitos das mulheres e na luta por respeito à diversidade religiosa e no enfrentamento à intolerância religiosa. Quanto a essa luta, todos os componentes desta Mesa e desta sala são partícipes.

Há a nossa Fernanda Lordêlo, secretária de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude, do município de Salvador, amiga do nosso homenageado e nossa amiga em tantas lutas suprapartidárias em defesa das mulheres.

Há o Sr. Plínio Roberto Barreto Sodré, conselheiro e meu vice-presidente do Cremeb-BA.

Aliás, o Cremeb foi uma entidade que eu sempre fiz parte e prestigia muito e reconhece o seu trabalho, Dr. Ribamar, junto com o Dr. Jorge Cerqueira, pois esse foi professor e presidente do Cremeb, amigo de Ribamar da turma de 1968. Aqui, a gente não apenas saúda a nossa entidade maior que é o Cremeb mas também saúda esta turma de 1968 da qual faz parte a minha professora Dea Mascarenhas, ali, sentadinha, pois ela me ensinou muito. Eu quero pedir uma salva de palmas. (Palmas) Parte do que eu sou como médica, pois eu estou deputada, mas sou médica há 35 anos. Eu tenho o DNA das pessoas componentes desta Mesa, hoje.

Há a mãe Ditinha, sentada entre Jorge e Lídice. Ela representa a comunidade dos terreiros e, hoje, o Ile Axé Opô Afonjá, já que mãe Ana estava em Brasília ontem, mas está muito bem representada. (Palmas)

Há a nossa Martha Vasconcellos, a eterna miss, a beleza, porque essa turma de 1968 produziu muita coisa boa, viu, não foi só Ribamar não, foi Marta também., pois ela foi Miss Brasil e Miss Universo e é amiga pessoal de Ribamar. (Palmas) Martha, você já teve um livro editado aqui. Ribamar já pediu para a gente encaminhar um pedido da reedição desse livro sobre a sua história. Considere o pedido feito. Nós vamos levar esse pedido à nossa presidente Ivana Bastos.

Há a amiga Bárbara Cristiane Bembem Pereira Pinto que resolveu muitas coisas na ocasião do falecimento de Mãe Stella. Ela foi uma pessoa extremamente estratégica e importante. Ribamar fez questão absoluta da sua presença. Então a gente saúda você com muito carinho, Bárbara.

(Lê) “Senhoras e senhores, este dia confirma a decisão unânime desta Casa ao aprovar a minha indicação de outorga do Título de Cidadão Baiano ao ilustríssimo Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel ou obá odofin, Pai Ribamar, para alguns, ou, simplesmente, ‘Riba’ para os mais próximos, em reconhecimento não apenas à relevância das suas atividades médicas em benefício da população baiana em geral, mas também em reconhecimento a toda sua respeitabilidade e significado simbólico para as religiões de matriz africana ao longo da trajetória de sua vida.”

Dr. Ribamar, sempre, com muita sensibilidade e sabedoria, soube agregar valor à sua existência. E muitos amigos assim o viam.

(Lê) “(...) Mas quem é este Dr. Ribamar, esta personalidade ilustre que se deseja homenagear com o Título de Cidadão Baiano, hoje?

Ora, para quem não sabe, José de Ribamar Feitosa Daniel nasceu no dia 7 de novembro de 1943, na cidade de Caxias, no Maranhão. Primogênito de uma prole de 10 filhos de Manoel Daniel Filho e Zélia Feitosa Daniel. Ele realizou os cursos primário e secundário no Grupo Escolar Gonçalves Dias e Colégio São Luís Gonzaga, em Caxias. Para cursar o colegial, ele se mudou para Teresina, Piauí, onde estudou no Colégio Estadual do Piauí.

À época do seu nascimento, a cidade de Caxias era a segunda maior e mais importante do estado do Maranhão. Localizada às margens do Rio Itapecuru, tinha como principal fonte de riqueza a agricultura do arroz. Nesse período, não eram muitas as possibilidades de inserção social, pois, além da agricultura, o comércio seria o outro ramo de ocupação possível ao jovem José de Ribamar.

O seu pai, Sr. Manoel Daniel era modesto comerciante empregado das Casas Pernambucanas; e Dona Zélia, devido às condições sociais daquele momento e ao tamanho da sua prole, não poderia ter outra ocupação senão a das prendas domésticas.

Entretanto, os sonhos e as ambições do jovem Ribamar não ficavam circunscritos a esses horizontes. Não estava nos seus planos tornar-se agricultor. Não estava em seus planos repetir a trajetória paterna de modesta colocação no comércio.

O jovem Ribamar aspirava a novos horizontes. Via-se em outras localidades, levando a vida de maneira diferente. Foi durante a sua ida para Teresina, a partir dos conhecimentos travados no seu ambiente estudantil, que ele teve a ideia de se mudar de cidade. Essa ideia de mudança começou a se cristalizar no seu pensamento. Vem, também, desse período a vontade de tornar-se médico.

Sensibilizado, desde aquela época, com a carência de meios que vivenciava, familiar e socialmente, o jovem Ribamar Daniel começou a acalentar a vontade de ascender socialmente através da prática da Medicina. O desejo de ajudar ao próximo é um traço de sua personalidade que o acompanha desde então.

Concluído o curso colegial, a escolha de mudar-se para Salvador e estudar na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia deveu-se muito ao alto conceito que a escola detinha no imaginário acadêmico nacional.

A materialização do sonho acalentado desde a juventude se deu com sua chegada à Bahia em 29 de março de 1962, uma data extremamente simbólica, para realizar os estudos preparatórios para o exame vestibular.

Os anos na sua nova casa foram marcados pelo suporte financeiro oriundo de sua querida tia, D. Euvira Feitosa Rodrigues, que esteve sempre muito atuante em todos os momentos de dificuldade, presença marcante em sua vida, por quem ele nutre os mais profundos agradecimentos.

Durante todo o seu período de estudante, de pré-vestibulando a aluno de Medicina, Ribamar teve como residência o Centro Universitário Padre Camille Torrend, pensionato localizado no Corredor da Vitória, área nobre da cidade que abrigava estudantes provenientes do interior da Bahia e de outros estados do Nordeste.

Embora ciente da boa formação adquirida nos seus anos pregressos, Ribamar dedicou-se com afinco e determinação para obter, pelo menos, a aprovação no exame que se avizinhava, buscando, inclusive, reforço, no curso Águia, nas matérias de Química e Física. Depois de passar por todas as provas, que à época eram eliminatórias, qual não foi a sua surpresa ao galgar o primeiro lugar na seleção daquele ano, já mostrando ser de uma inteligência maravilhosa, que, com certeza, iria pautar as suas decisões. (Palmas)

No desenrolar dos seus estudos médicos, seu desempenho acadêmico foi habitualmente objeto de distinção por parte dos seus professores. Já no seu terceiro ano de curso, começou a se cristalizar o seu interesse pela Otorrinolaringologia. Um fato marcante foi o convite feito pelo seu colega Eduardo de Moraes Baleeiro – de uma família baiana tradicional de médicos otorrinolaringologistas – para aprofundarem, juntamente, os conhecimentos na especialização.

A partir daí, seus laços de amizade com essa ilustre família de médicos baianos se efetivaram, ganhando contornos quase filiais. D. Thereza, mãe de Eduardo e esposa do ilustre professor Astor Baleeiro, muito frequentemente referia-se a Ribamar como seu ‘filho posticho’. Essa condição sempre encheu seu coração de muito orgulho e muito afeto.

Ribamar passou, então, a frequentar o serviço de enfermagem, o centro cirúrgico e o ambulatório do Hospital Professor Edgard Santos, ajudando, inclusive, nas cirurgias do professor Astor José Baleeiro no Hospital Português. A cerimônia de graduação da sua turma em Medicina realizou-se na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em 15 de dezembro de 1968,...”, e aqui se fazem presentes muitos colegas de sua turma, “(...) e teve como paraninfo o professor doutor Jorge Augusto Novis e como orador o colega Renato Costa.

Foi estagiário da Clínica de Otorrinolaringologia do Hospital Professor Edgard Santos como bolsista da Capes durante os anos de 1969-1970 e orientando do professor Astor Baleeiro, passando a acompanhá-lo, inclusive, no seu consultório particular.

Sua carreira docente iniciou-se após concurso público para a classe de professor auxiliar de ensino, em 1971, quando passou a contribuir para a formação de inúmeros colegas médicos...”, entre os quais, a deputada que vos fala, “(...) atividade que se estendeu até o ano de 2002, quando de sua aposentadoria como professor assistente IV.

Durante seu estágio clínico-cirúrgico, realizou curso de especialização no Serviço Professor Ermiro de Lima, Hospital São Francisco, que integra a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o objetivo de refinar seus conhecimentos nas áreas clínicas e cirúrgicas de ouvido, nariz, garganta e laringe.

Após retornar para Salvador, fez concurso para médico civil do Ministério do Exército, sendo lotado no Hospital Geral de Salvador.

Em 1983, montou consultório na Rua da Força, onde prestou assistência médica até 2013, atendendo a diversos convênios, mas, sobretudo, atendendo pelo SUS...”

Então, o Dr. Ribamar, além de ser um exímio especialista na área de Otorrinolaringologia e de ter formado inúmeros médicos, também foi uma pessoa que cuidou da saúde dos mais vulneráveis.

(Lê) “(...) Até 2002, quando se aposentou, dividiu sua jornada de trabalho nessas três ocupações: na Faculdade de Medicina da UFBA, no Hospital Geral de Salvador e no consultório médico.

Durante todos esses anos, frequentou inúmeros congressos médicos, simpósios, reuniões científicas e também se especializou, por meio de congressos brasileiros, em Broncoesofagologia na Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia, o que o ajudou no seu aprimoramento técnico para o tratamento das sinusopatias, redundando em melhor assistência, detecção e tratamento de sinusites, rinites alérgicas ou bacterianas, otites, que tanto acometem nossa gente.

Fez o *Curso em Imunoterapia – Quando, quanto e como?* pela Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia (SBORL), em Natal (RN), no ano 2000, o que o levou a aprofundar seus conhecimentos em Imunoterapia, estudo das enfermidades com base na origem genética dos pacientes.

Durante três décadas, Dr. Ribamar prestou assistência médica a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), o que o torna Servidor Público, assim mesmo, com letras maiúsculas.

Seu interesse pela Medicina o trouxe a Salvador, que, nos mesmos moldes de D. Thereza Baleeiro, o acolheu como um seu, como seu ‘filho posticho’...” No entanto, além do seu aprofundamento em Otorrinolaringologia, ele não foi o único filho de D. Thereza, ele também foi uma pessoa que contribuiu para a nossa gente, deixando a melhor das impressões.

(Lê) “(...) O jovem Ribamar, enquanto sobrevoava Salvador pela primeira vez, não imaginava que seria recebido como irmão por essa gente; que esse convívio lhe prepararia uma nova família; que por aqui ele teria muitos irmãos, filhos, irmãs, filhas e, sobretudo, conheceria sua mãezona, a Mãe Stella, conheceria o Axé Opô Afonjá, seu egbé, e que ainda teria diversas outras mãezinhas que cuidariam dele porque filho delas ele era.

No dizer de Mãe Stella, ‘na verdade, é sacerdote todo aquele que ministra um culto divino e dá instruções religiosas com o objetivo de servir de ponte entre o sagrado e o profano...’

Ribamar não é sacerdote, não está em seu caminho, mas ela mesma nos previne, dizendo: ‘Muitas pessoas me perguntam qual o caminho para chegar a ser um iniciado no candomblé, qual o caminho que se precisa trilhar para ser sacerdote

do orixá.’. Ela responde que ‘o chamado ocorre por maneiras diversas’, lembrando-nos o ditado: ‘Chega-se até o orixá através da dor e não através do amor.’

Mas ela nos ensina que há muitas pessoas que se tornam sacerdotes por pura vocação e consentimento superior. E nos dá o exemplo de um filho, sacerdote que recebeu o chamado sem ‘forçar’ desnecessariamente ‘a barra’, e esse filho a que ela se refere não é ninguém mais, ninguém menos que o nosso ilustríssimo homenageado de hoje, Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel, obá odofin do Axé Opô Afonjá...

Ele, por desejo de Mãe Stella, se tornou presidente da Sociedade Beneficente Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, e ela mesma dizia que, enquanto vivo ele fosse e enquanto viva ela fosse, ele seria o presidente da sociedade beneficente, tendo inúmeros serviços prestados ao povo de santo e àquela comunidade.

Por isso, ele está aqui sendo reconhecido por tanta gente. Quero saudar a nossa Irmandade da Boa Morte, que veio prestigiá-lo, todo o povo de terreiro está aqui porque reconhece a sua importância para as religiões de matriz africana e sua história no Ilê Axé Opô Afonjá.

(Lê) “(...) Nosso Ribamar, com o nome ‘José’, tem nome de santo católico. Como médico, cuida para que as pessoas tenham ouvidos mais saudáveis, mas, como sacerdote, procura ouvir os ensinamentos das diversas religiões.

Ribamar sabe equilibrar o profano e o sagrado, o que está fora e o que está dentro do templo, pois não existe melhor forma de cultuar uma divindade do que brincar, sorrir, conviver, respeitar, aceitar exatamente como Deus os fez, ser feliz, usando sempre o bom senso e o respeito pelos sentimentos e pensamentos do outro.

Tenho certeza, doutor Ribamar, de que, ao ver o avião pousar aqui há tantos anos, não tinha ideia da beleza, do encanto, da magia desta terra.” Tenho certeza de que não tinha ideia de quantos benefícios o senhor traria para a Bahia, não apenas na área da saúde, mas também na construção do respeito às diversas religiões.

Por isso, com muita honra, eu concedo o Título de Cidadão Baiano àquele que agora se casa oficialmente, por direito, com a terra que o abraçou e que o senhor também abraçou. Esta Assembleia fica mais feliz por ter um cidadão da sua estatura, cidadão baiano de fato e, agora, de direito.

Parabéns, Dr. Ribamar. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Antes de passar a palavra ao nosso conterrâneo, nós vamos assistir a um vídeo com depoimentos sobre o nosso homenageado.

(Procede-se à exibição de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Quero registrar a presença do querido Clarindo Silva, que está ali abrilhantando a nossa sessão. Uma salva de palmas para Clarindinho, que também é um ícone da Bahia. (Palmas)

Mas me parece que o jornalista Roberto Macêdo está aí... Roberto, não sei se chegou... Está ali Roberto. Já fizeram pedido da reedição do livro, viu, Roberto?

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Esta sessão de outorga teve muitas pessoas que torceram para que você recebesse este título, Ribamar. Uma delas foi Henrique Carballal, que já nos prestigiou nesse instante, mas teve que se ausentar, a outra está sentada ali, a nossa deputada federal Lídice da Mata.

Portanto, eu vou passar a palavra e pedir a ela que traga uma fala em sua homenagem, já que eu considero que ela também é uma das autoras deste seu Título de Cidadão Baiano, ela que foi deputada desta Casa e hoje representa tão bem o povo da Bahia. (Palmas)

A Sr.^a LÍDICE DA MATA: Bom dia a todos os amigos e amigas que estão aqui presentes nesta linda homenagem de iniciativa da deputada Fabíola Mansur, na nossa Casa Legislativa.

Eu diria até, Fabíola, que só você e Ribamar conseguem encher a Assembleia Legislativa numa sexta-feira chuvosa em Salvador. (Palmas) Salvador é uma das poucas cidades no mundo em que, quando chove, as pessoas desistem de fazer alguma coisa. É impressionante porque chove o ano inteiro em Salvador, mas é assim, até jantar se cancela.

Mas eu queria, neste dia tão importante para todos nós, porque registra este momento que, eu diria, é até tardio e em que o nosso querido José Ribamar se transforma oficialmente em cidadão da nossa terra, uma cidadania que ele já tinha no coração, na sua prática de vida como profissional da Medicina e como um homem que trata da alma das pessoas, da sua espiritualidade, como representante de uma religião de matriz africana...

Ontem eu tive a alegria, inclusive, de ter Ribamar em Brasília, na nossa sessão de Mãe Stella, e eu quero destacar esses dois aspectos na sessão de hoje, Fabíola.

Primeiro, eu fui a primeira deputada estadual a dar um título de cidadã e de cidadão a uma personagem do mundo da religião de matriz africana, que chamamos de “povo de santo”, que foi tata Anselmo. Eu consegui aprovar esse título numa madrugada de negociações aqui na Assembleia Legislativa, vencendo a resistência de alguns colegas com outro pensamento religioso, que resistiam àquela homenagem.

A partir daí, pude vir aqui em diversas homenagens com a presença do nosso povo de santo preenchendo as cadeiras da Assembleia Legislativa de maneira absolutamente legítima por se tratar de uma religião que representa a raiz do povo da Bahia, a raiz do povo brasileiro.

Foi essa população negra que veio para cá obrigada, transformada em escrava e que, ao longo da sua presença em nosso país, fundou tradições que são constitutivas da identidade do povo brasileiro. Portanto, nós não podemos aceitar nenhum tipo de preconceito ou discriminação às religiões de matriz africana. (Palmas)

Esse é um mérito que a nossa sessão tem hoje, que você tão bem representa aqui nesta Casa como uma deputada intrépida, que costuma não apenas ter coragem para a defesa de posições políticas, mas também para afirmar comportamentos à

frente do seu tempo, acima de tudo expressando o desejo do povo brasileiro de se ver representado de forma diversa, plural, em todos os sentidos, inclusive do ponto de vista do respeito às diversas religiões.

Esta sessão é mais uma sessão que enfrenta a tarefa – que nós baianos temos – de fazer respeitar as nossas tradições religiosas e prevalecer o respeito à nossa formação como povo que tem profunda ligação com a presença dos negros em nosso território.

Eu, inclusive, vinda da minha querida Cachoeira, quero saudar aqui, na frente, essas nossas contrerrâneas da Irmandade da Boa Morte. (Palmas) Saúdo também a nossa querida ebome Nice. (Palmas)

Aquela sessão ontem, portanto, como eu disse, lá naquele momento, foi uma sessão que registrou a primeira homenagem do Congresso, ou seja, Câmara e Senado, a uma personalidade do mundo do candomblé: Mãe Stella. (Palmas) E eu disse, naquele momento, que aquela sessão tinha uma função – que esta também tem – de ser uma flecha, uma flecha de Oxóssi, certa para combater a discriminação religiosa, para combater o racismo religioso e para afirmar o nosso respeito à religião de matriz africana no Brasil.

E esta sessão, no entanto, surge das nossas amizades. Estávamos nós – Olivinha e eu –, juntamente com Dr. Jorge e Ribamar, no aniversário de 80 anos do nosso querido amigo Renato Costa, ex-deputado nesta Casa. Nessa confraternização, surgiu a ideia de homenagearmos o querido Ribamar. Trouxemos essa ideia para Fabíola, que a acolheu de imediato e lutou durante 2 anos para que nós fizéssemos, afinal, acontecer este dia.

Este dia, portanto, é um dia mágico que reúne o Maranhão e a Bahia, e não é uma reunião estranha. O Maranhão é o estado de maior população quilombola do Brasil, com uma população negra imensa, tanto quanto a Bahia ou próximo da Bahia, com muita tradição semelhante às nossas.

Eu, inclusive, disputei com meu querido amigo deputado Bira do Pindaré, deputado federal pelo Maranhão, que ganhou de Cachoeira o título de capital do reggae, e ele ganhou por São Luís do Maranhão. Isso é a demonstração de como as nossas culturas se unem, como elas têm ligação, como elas expressam essa mesma fundação do europeu, com a presença forte da África e dos povos originários do nosso país, dos indígenas. O Maranhão tem essa ligação.

Eu queria até contar uma coincidência. O “Pindaré” de Bira do Pindaré é um sobrenome que o pai lhe deu, pois o pai colocava o nome dos filhos e acrescentava o nome do rio da cidade onde eles moravam. Eles moravam em uma cidade cujo rio que passa lá, no Maranhão, é o Rio Pindaré. Ele tem uma irmã que se chama Ibiraci Paraguaçu. Ela nasceu onde? Em Cachoeira. Então, é bem singular essa visão do pai de Bira e eu sempre comemorei por ser contrerrânea lá com ele.

Então, eu acho que esta sessão tem esses dois aspectos, que são aspectos que unem a vida de Ribamar a todos nós. Um é essa sua ligação, esse seu respeito e o nosso respeito por sua opção de aderir a uma religião que, à época, inclusive, sofria ainda mais preconceitos. Ninguém na Bahia... Embora houvesse uma adesão tão

grande da população baiana ao candomblé, muita gente escondia isso, não se dizia que era do candomblé, se arranjava um título para dizer que adotava outra religião. Nisso se sustentou, durante muito tempo, o sincretismo religioso do povo baiano, o qual Mãe Stella combateu muito, porque dizia que a grande liberdade do ser humano é o seu direito à fé, que é único, é só dele, ninguém pode tirar dele.

Finalmente, quero falar de Ribamar, essa figura maravilhosa, e eu lhe trago um abraço da minha querida irmã Iara, que é também sua grande amiga e que não pôde estar aqui hoje. Fabíola já detalhou sua vida profissional, sua vida de sucesso entre nós. E eu digo apenas, para comemorarmos juntos, que hoje é Dia de Santo Antônio, dia em que os foguetes tocam e se comemora no estado inteiro que é hora de louvar, louvar a quem bem merece, como já disseram Gilberto Gil e Torquato Neto, e deixar o ruim de lado.

Portanto, louvemos nesse dia o nascimento do nosso Ribamar como baiano. Parabéns, Ribamar! Parabéns, Fabíola! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, deputada Lídice por esse depoimento. É importante registrar que foram 2 anos, não por não reconhecermos a sua importância, mas porque aqui há uma característica de se ter dois títulos sendo dados por um deputado e eu já havia concedido os meus títulos. Contudo, fiz questão, pela sua história, pela conexão com Lídice, pela conexão Maranhão-Bahia, pela sua história médica, pela sua história com o povo negro, com o povo de santo, de ser a outorgante e, por isso, demorou. Quando chegou minha vez de poder conceder, ebome Nice, Juçara, Zelita, todas as nossas queridas da Boa Morte, foi aprovado por unanimidade. Foi impressionante como as pessoas, Olivinha – você que também foi uma entusiasta –, vinham dizer: “Fabíola, parabéns por ter concedido esse título a Ribamar”. Lídice disse muito bem que muitas coisas são de uma flecha só. Não é por nada que eu sou uma filha de Oxóssi, Ribamar, porque tinha que ser Oxóssi para conseguir dar isso a um filho de Oxalá, em uma sexta-feira, com todo mundo de branco, no Dia de Santo Antônio.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para terminar as falas, a gente vai passar a palavra para a secretária Ângela Guimarães, da Sepromi, representando o governador Jerônimo Rodrigues. (Palmas)

A Sr.^a ÂNGELA GUIMARÃES: Bom dia. Muito bom dia a todas as pessoas presentes. Peço licença à nossa ancestralidade para me pronunciar, peço a bênção a todos os mais velhos, às mais velhas, aos mais novos, às mais novas, aos iguais.

Quero reforçar a emoção, deputada Fabíola, ao passo que lhe parabenizo por – assim como na emocionante sessão conduzida duplamente pela senhora e pela Ex.^{ma} Deputada Olívia Santana, que celebrou o centenário de Mãe Stella – podermos voltar, mais uma vez, a esta Casa para celebrar uma trajetória tão inspiradora, de uma pessoa tão elevada e tão nobre, com grande contribuição para o nosso estado, com uma obra profissional, assistencial e espiritual tão grandiosa, que esta Casa hoje reconhece, como é o caso do nosso querido ogã Ribamar.

Eu vou pedir desculpas a vocês da Mesa, porque ela está muito expressiva. Para não perder muito tempo, eu quero saudar a nossa deputada Lídice da Mata, que acabou de se pronunciar; a nossa querida secretária Fabya Reis; a secretária Fernanda Lordêlo; a nossa querida vereadora da cidade de Salvador, Marta Rodrigues, e assim saudar as demais vereadoras e vereadores aqui presentes; o Sr. Plínio Roberto, vice-presidente do Cremeb; o Sr. Jorge Cerqueira, representando a turma de 1968; e a iyá kekerê Edite, mãe Ditinha, do Ilê Axé Opô Afonjá, saudando todas as pessoas da Mesa, especialmente a família, na pessoa da sua irmã Luisa, deixando um abraço para todos.

Aqui, na nossa nobre plateia, quero saudar a nossa Irmandade da Boa Morte e as nossas queridas: mãe Zelita; mãe Nice, ebome Nice de Iansã; a nossa querida Ana Gilda; a nossa querida Jacira; pai Raimundo de Xangô; ogã Elias, em nome do Conirb, e assim deixar um grande abraço para toda essa plateia que vem aqui, nesta sexta-feira de Oxalá, fazer essa homenagem digna e importante, que entra para os Anais desta Casa, que celebra a irmandade entre Bahia e Maranhão e o reconhecimento por esta importante Casa Legislativa.

Então, nesta sessão especial, eu quero, em nome do nosso governador Jerônimo Rodrigues, celebrar este momento tão importante, a história do nosso querido ogã Ribamar Daniel, que representa uma trajetória espiritual, de axé, de pertencimento, uma escolha pela Bahia e uma Bahia que também lhe acolheu e lhe abraçou.

Nós sabemos que este momento extrapola uma celebração individual; é um ato de afirmação da incessante e histórica luta dos filhos e filhas das religiões de matriz africana e da sabedoria ancestral que, por séculos, têm resistido às violências do racismo e da intolerância religiosa.

Esta Casa, ao se abrir e homenagear o ogã Ribamar Daniel, oferece também uma homenagem a todos aqueles e aquelas que têm batalhado, têm feito de suas vidas verdadeiras profissões de fé, que nos deixam um legado de fé, de resistência, de perseverança, de luta por justiça e reparação social que ainda batalhamos para ter.

Eu acho que a deputada Lídice da Mata foi muito feliz. O ogã Ribamar é acolhido pelo candomblé e fez essa escolha espiritual em um contexto histórico em que não era possível uma afirmação tão aberta como a que a gente está vivendo hoje, mas que, até os dias de hoje, continua sendo esse nome, esse bastião no enfrentamento a qualquer tipo de violação que as religiões de matriz africana possam enfrentar e têm enfrentado no nosso dia a dia.

Sem dúvida, celebrar esse título, celebrar esse reconhecimento, essa segunda certidão de nascimento é ainda mais especial por acontecer, deputada Fabíola, no mesmo ano em que nós celebramos o centenário de Mãe Stella. Nas religiões de matriz africana, tudo com tempo tem tempo. Nós estamos falando aqui de um braço direito de Mãe Stella, de um amigo querido, de um obá de Xangô, de um ministro daquela casa, de um presidente de uma sociedade beneficente que tem um largo e expressivo legado.

Então, finalizando, em nome do governo da Bahia e na presença de todas e todas vocês, nós viemos aqui dizer que a trajetória do ogã Ribamar também nos

inspira, enquanto gestoras e gestores das políticas públicas, a perseguir no caminho da implementação de uma agenda de promoção da igualdade racial, de uma agenda de convivência respeitosa entre toda a diversidade religiosa do nosso estado, no reforço dos laços históricos entre Maranhão e Bahia, que são estados que, sim, têm muitas semelhanças e muitos laços, de fato, em relação às religiões de matriz africana, à cultura negra, a essa presença massiva da população negra, dos povos e comunidades tradicionais. Essa expressão que nós temos aqui, no dia de hoje, é um grande recado para todo o nosso estado, para todo o nosso Brasil, de que nós precisamos reconhecer e homenagear, sim, as pessoas em vida para que, sim, nós possamos ter o desfrute dessas homenagens enquanto ainda estamos aqui, com presença no aiê. (Palmas)

Parabéns, deputada Fabíola! Parabéns, ogã Ribamar. Muito obrigada por sua generosidade, porque isso eu tenho destacado em todas essas celebrações.

Embora nós vivamos em um estado onde ainda há uma prevalência do racismo, em especial do racismo religioso, o que nós temos consagrado de presença das lideranças espirituais de matriz africana é sempre uma presença generosa no seu exemplo cotidiano, nos seus trabalhos profissionais e no seu trabalho espiritual para que possamos fazer deste país e deste estado um estado de paz, um estado de convivência na diversidade, um estado de respeito à pluralidade.

Muito obrigada, portanto!

Axé e vida longa. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, secretária Ângela.
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Nós ainda temos duas pessoas que farão breves falas. Nós viemos ouvir o nosso homenageado e estamos com curiosidade de saber o que esse ilustre novo baiano vai falar, mas não poderíamos deixar de convidar o representante da comunidade médica e também do Cremeb, o vice-presidente e conselheiro Dr. Plínio Sodré, para fazer uma breve fala. (Palmas)

O Sr. PLÍNIO ROBERTO BARRETO SODRÉ: Bom dia a todas e a todos. Queremos nos congratular com a justa homenagem ao Dr. José de Ribamar e ao trabalho desenvolvido como médico na área social, no atendimento aos menos favorecidos, que é a meta precípua do nosso conselho de medicina, servir a sociedade, às comunidades mais carentes.

A importância deste evento é que podemos render essas justas homenagens com o Dr. José de Ribamar vivo, entre nós. Isso resgata a nossa história, resgata o equilíbrio para uma convivência sadia, harmoniosa, com todos que procuram o bem-estar social.

Então, deixo aqui o meu abraço fraternal em nome do Conselho Regional de Medicina da Bahia. Que Deus continue te protegendo! Hoje é um prazer muito grande tê-lo como nosso irmão, de fato, na Bahia.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Em caráter especialíssimo, não podia negar isso a ela, a mãe Juçara, que é da Boa Morte, uma amiga, representando as Mulheres de Axé do Brasil. Não é comum a gente dar falas nesse dia, mas a gente quer, dada a importância das mulheres nas religiões de matriz africana, dar a palavra a Juçara, pelo tempo de 1 minuto, para também fazer essa justa homenagem a você, Ribamar. (Palmas)

A Sr.^a JUÇARA LOPES PONTES: Obrigada, Fabíola, pela oportunidade.

Eu quero pedir agô à minha ancestralidade, à ancestralidade de todos aqui presentes. Eu sou iyalaxé Juçara Lopes, sou diretora nacional das Mulheres de Axé do Brasil e sou noviça da Irmandade da Boa Morte.

Peço agô aqui às minhas mais velhas por não estar com nossas vestes tradicionais, pois estou de serviço hoje nesta Casa e, perante os discursos calorosos de reconhecimento das nossas tradições, eu não poderia deixar de sugerir isto para a nossa deputada Lídice da Mata e a nossa deputada Fabíola. É uma sugestão para mais um reconhecimento de mais um ato antirracista: vocês tentarem nesta Casa e também na Câmara Federal o primeiro feriado nacional para o dia 2 de fevereiro, reconhecendo a nossa divindade Iemanjá, porque nós não temos um feriado que não seja de um santo católico. (Palmas)

Essa é uma ideia das mulheres de axé, que nós vínhamos pleiteando no Rio de Janeiro, com a deputada Renata Souza; já falamos com diversos deputados, mas não é uma coisa fácil. Como Lídice e as senhoras falaram aqui de tantos atos, e também por estarem aqui reconhecendo pai Ribamar, o nosso obá de Xangô, como cidadão baiano, eu não posso deixar de dar a nossa sugestão para reconhecer o dia 2 de fevereiro, que é tão consagrado por todo o Brasil, não só pela Bahia. Eu falo isso enquanto diretora nacional de Mulheres de Axé do Brasil e sei o quanto essa divindade é reconhecida não só pelos povos negros, mas também pelos povos brancos, de umbanda, e de todas as religiões afro-brasileiras. Quero solicitar esse pequeno gesto de vocês e, se assim conseguirem, Iemanjá viverá sobre nós e Oxalá vai tomar conta de todos nós.

A bênção a todos. Adupé!

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Juçara.

Com certeza é um pleito muito justo em que pese a legalidade de novos feriados serem barreiras que a gente precisa vencer, não apenas o racismo religioso, mas são barreiras legais. Eu acho que há um número definido de feriados, você tem que trocar um pelo outro, mas eu acho que o pleito está feito oficialmente. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Este é um momento de entrega do Título de Cidadão Baiano e eu não poderia... Antes de entregar, eu queria convidar especialmente... Nós fizemos uma surpresa para você, Ribamar, enquanto você vai receber esse título, mas eu não quero que ela fique escondidinha, porque

vou chamar uma das maiores cantoras baianas e nacionais da atualidade, que vai cantar para você a mesma música que cantou para mim quando eu recebi o Título de Cidadã Soteropolitana. Porque eu fui carioca, Ribamar. Minha família é baiana, mas eu fui carioca. E ela cantou essa mesma música que eu vou deixar de surpresa, não vou dizer qual é. Mas eu queria que vocês saudassem... queria convidá-la aqui. Vai cantar para você junto com o músico, nosso violonista, Rafael Galeffi. Queria uma salva de palmas para a nossa cantora Jussara Silveira. (Palmas)

Neste momento, quero convidar Luísa, Célia e Socorro, que veio do Maranhão para entregar esse título, e Fernanda também, para, juntas, fazermos a entrega do Título de Cidadão Baiano ao Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel, ogã Ribamar Daniel, obá odofin, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a Jussara Silveira: Parabéns, Dr. Ribamar; parabéns a esta Casa por essa honra.

E ouvindo essas mulheres poderosas falando, eu me lembrei de uma frase do Dr. Crescêncio Silveira, meu bisavô, médico, que, em 1913, pronunciou: “A mulher não é fraca, fracos são os direitos que a regem”. Viva a essas mulheres! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Jussara, queria que você viesse aqui para fazer uma foto com a gente. Essa voz lindíssima que, com certeza, abrilhantou de forma especial esta sessão. (Pausa)

Obrigada, Jussara Silveira. Quantos fãs você tem!

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Bem, agora chegou o momento. Eu quero passar a palavra, com muita alegria, com muita satisfação, a esse, agora, conterrâneo, com sua segunda certidão de nascimento, Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel. (Palmas)

O Sr. JOSÉ DE RIBAMAR FEITOSA DANIEL: Cumprimentar a deputada Fabíola Mansur, proponente da sessão especial; a Sr.^a Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, representando o governador do estado, Jerônimo Rodrigues. Quero cumprimentar a Sr.^a Lídice da Mata, deputada federal; a Sr.^a Fabya Reis, secretária de Assistência e Desenvolvimento Social da Bahia; a minha irmã, aqui representando a família, Luísa Maria Feitosa Daniel; a Sr.^a Marta Rodrigues, vereadora de Salvador; a Sr.^a Fernanda Lordêlo, secretária municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude de Salvador; o Sr. Plínio Roberto Sodré, conselheiro e vice-presidente do Creneb. Cumprimentar meu colega de turma, aqui representando todos nós, Jorge Cerqueira; minha querida amiga Martha Vasconcellos, Miss Brasil e a eterna Miss Universo. (Palmas) Cumprimentar a Sr.^a Bárbara Cristiane Bembem Pereira Pinto, minha amiga; cumprimentar a iyá kekerê mãe Ditinha, iyá lonã do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, a quem eu peço agô para começar a minha fala. (Palmas)

(Lê) “Meus senhores, minhas senhoras, gostaria de iniciar declarando que hoje é um dos dias mais importantes de minha vida. Ser agraciado com o Título de

Cidadão Baiano é uma honraria que me envolve por inteiro, enchendo-me de emoção.

Desde quando cheguei aqui aprendi a acompanhar o contorno accidental dessa cidade, os altos e baixos de suas ladeiras, fisicamente, no mapa das batidas do meu peito. Meu coração de há muito aprendeu a bater no compasso dos atabaques rum, rumpi e lê do Axé Opô Afonjá. O ilú na taquicardia e vasoconstrição que afoba o meu peito agora nada mais é do que a imitação do apertadinho das ruelas e becos do Centro Histórico. Mas o que me faz toda a diferença e me cativa é a doçura do carinho, do afeto e da consideração que se recebe no contato cotidiano com a gente da Bahia.

Estou profundamente emocionado e agradecido. É assim que me sinto, Sr.^{as} Deputadas, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores. A partir de hoje não desperdiçarei oportunidade para ostentar este título aonde quer que eu vá. E pensar que a partir de agora poderei dizer em alto e bom tom que eu sou conterrâneo de tanta gente importante. Agora estou legitimado, tenho papel passado. É graça?

Gostaria de externar os meus mais profundos agradecimentos à combativa deputada Fabíola Mansur pela iniciativa de indicar meu nome para ser agraciado com tamanha distinção. Obrigado, querida deputada.

Gostaria também de estender meus agradecimentos a todas e todos os Srs. Deputados, da comissão e do pleno da Assembleia, que, com a gentileza dos seus votos, aprovaram a indicação.

Minhas senhoras, meus senhores, cheguei a Salvador no dia 29 de março de 1962, dia da sua fundação. Saído de Caxias, no Maranhão, trazendo na bagagem muito pouco, mas impelido por grandes vontades. Todos os que deixaram sua terra natal sem saber direito quando voltariam ou se jamais retornariam, se seriam bem-sucedidos, ou se, ainda, o novo lugar da sua escolha seria o acertado têm um gostinho do que eu sentia então, sabem do que eu estou falando.

Apenas aqueles que passaram por essa situação sabem do tamanho da força de vontade que se tem para irmos além dos laços fraternos que nos detêm. Partirmos em direção a um desconhecido, a uma fantasia, a uma possível frustração; partirmos na direção de novos horizontes para estabelecermos novos relacionamentos, experimentarmos novas formas de viver. Apenas nós que passamos por essa situação sabemos das incertezas, das expectativas, das ansiedades e nervosismos que sentimos.

Do alto dos meus 18 anos, desejava ir além do Vale do Itapecuru, onde fica minha querida Caxias; projetava-me para além das possibilidades de viver da agricultura do arroz ou do comércio, seguindo o exemplo paterno. Movido por essas vontades, parti, mesmo quase nada sabendo sobre para onde me dirigia. Mas trazia no íntimo uma enorme determinação: preparar-me para ingressar na Escola de Medicina da Bahia e, primogênito, atrair meus irmãos para aqui também seguirem seus estudos universitários. Vieram seis, nos formamos todos, e quatro de nós estabelecemos raízes por aqui.

Mas ao pousar em Salvador pela primeira vez não tinha a menor ideia do que me esperava: da beleza, do encanto, da magia, das recônditas surpresas que me aguardavam e de um modo de vida que em outra terra não há.

Inicialmente, hospedei-me no Centro Universitário Padre Camille Torrend, graças à generosa acolhida do jesuíta basco Francisco Javier Barturen, que dirigia o estabelecimento. Era um ambiente modesto que abrigava jovens da Bahia, do interior da Bahia, e de outros estados do Nordeste. Sua localização privilegiada no Corredor da Vitória, bem próximo ao Campo Grande, seria o melhor que se podia desejar. Aos poucos comecei a me dar conta dos encantos de viver na Bahia, nessa cidade de característica medieval-renascentista multicentenária.

Memoráveis daquele tempo de minha introdução à vida baiana eram os banhos de mar no Porto da Barra, sua água verdinha, os passeios através do bondinho do Plano Inclinado Gonçalves para ir apreciar as vitrines das lojas no Comércio, no tempo em que o Comércio era o Comércio.

Dos inesquecíveis finais de tarde na Praça Municipal, admirando a paisagem dos bairros mais distantes: Soledade, Liberdade, São Caetano, Cidade Baixa, Boa Viagem, Monte Serrat, a Colina Sagrada com a sua Igreja do Bonfim toda proeminente na sua alvura e suas torres amarelas cor de ouro, parecendo pairar sobre tudo. O máximo era quando, para completar o deslumbramento da vista, tomávamos um *Dusty Miller* na A Cubana.

Desse modo, prezada deputada Fabíola, minhas senhoras e meus senhores, faço um brevíssimo apanhado das lembranças que trago comigo, indeléveis na memória. Apenas umas poucas pinceladas dos bons momentos iniciais do meu envolvimento emocional com o povo e o modo de vida de nossa terra.

Nesse ponto, preciso fazer alguns agradecimentos.

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meus pais, Manoel Daniel Filho e Zélia Feitosa Daniel, pela vida que me deram; gostaria de agradecer aos meus irmãos: Maria do Carmo; Danilo (falecido em 2021); Edivaldo; Helbert (falecido em 2009); Célia Maria; Luíza Maria; Helder José e Maria das Graças (falecida em 2023) que me acompanharam no sonho e na rede fraternal de afetos e apoios que junto consolidamos; à minha querida tia Elvira, pela certeza do acolhimento nos tempos iniciais baianos.

Os meus mais profundos agradecimentos ao colega Eduardo Moraes Baleeiro, também médico otorrinolaringologista, cuja amizade levou-me ao convívio de sua família, do qual me tornei orgulhoso irmão postiço seu, de Maria Tereza, Maria Luíza e Paulo. Meu sempiterno e carinhoso agradecimento à minha mãe baiana, D. Thereza Baleeiro, a matriarca da família, cujo tratamento afetuosos reforçou meus laços filiais. Ao ilustre professor Astor José Baleeiro, o patriarca, minha referência clínica que pautou minha carreira médica, todo o meu reconhecimento pela dimensão, pela sua postura que empresta ao exercício da Otorrinolaringologia na Bahia.

Formei-me médico em 1968. Fui professor universitário da UFBA de 1971 a 2002; fui servidor público em clínica, com consultório na Rua da Força, onde prestei

assistência médica, atendendo a pacientes de diversos convênios, majoritariamente do Sistema Único de Saúde. Minhas atividades de médico estenderam-se até 2013.

Bem, meus senhores e minhas senhoras, todos sabemos que os envolvimento emocional implicam em relações, e toda relação está repleta de acontecimentos que alicerçam nossos passos e enriquecem nossa existência. Nos meus relacionamentos, durante todos esses anos, desenvolvemos muitos segredos e assim desejo mantê-los, secretos. E foram muitos os fatos surpreendentes que enriqueceram e enriquecem minha modesta existência.

Entretanto, não foram apenas aqueles acontecimentos que dizem respeito à minha vida profissional e social que redundaram nessa cerimônia, pelo contrário. O que fez com que a ilustre deputada dirigisse seus olhos para mim, além da atividade médica, mais que cinquentenária, foi o meu envolvimento com o candomblé, foi o meu envolvimento com a Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá.

Um acontecimento marcante na minha vida, de dimensão religiosa, querida deputada, meus caros amigos, teve início em um outubro longínquo, perdido na memória dos meus anos 70, quando o destino, retornando de uma visita à casa de amigos moradores do artigo Beiru, eu ouvi o repicado dos atabaques à noite, que me levaram, pela primeira vez, ao Ilê Axé Opô Afonjá.

Recém-formado em Medicina na Bahia, eu sabia de minhas raízes ligadas ao candomblé, pois possuía a minha avó paterna, uma vodunsi da Casa das Minas, em São Luís, no Maranhão. Ao entrar no barracão, deparei-me com Mãe Stella pela primeira vez, uma senhora altiva, majestosa e com olhar penetrante que dirigia a festa. Memorável dia foi quando ela se levantou e entrou na roda de xirê. Ao final, parti com o desejo de retornar.

Passaram-se anos, até que um dia, um senhor de prenome Américo procurou-me no consultório para uma consulta. Ao final do exame, ele convidou-me para uma certa festa de candomblé, onde ele fazia questão da minha presença. Qual não foi a minha felicidade quando ele me disse tratar-se de um xirê no Ilê Axé Opô Afonjá, aceitei de imediato. A partir de então, passei a frequentar a casa e nunca mais saí. Seu Américo, meu paciente, adepto de Oxum no terreiro, veio a se tornar meu pai-pequeno.

Depois disso, outro dia inesquecível foi quando fui suspenso ogã de Oxalá durante as Águas de Oxalá de 1992. Sou oxaguiã de cabeça, no Ilê Axé Opô Afonjá, tenho passado momentos de muita gratificação espiritual. Conhecer Mãe Stella, ser iniciado como seu filho, poder privar de sua amizade e da convivência com os orixás é algo impossível de traduzir em palavras.

Ao longo de minhas atividades como omorixá e ogã de Oxalá, fui elevado a desempenhar o papel de pai-pequeno de alguns dos iniciados, contribuindo na orientação espiritual deles. Por indicação de Mãe Stella, ocupei algumas funções administrativas na Sociedade Cruz Santa. Fui tesoureiro, secretário, vice-presidente e presidente, de 2006 a 2021.

Em 2013, fui indicado por Xangô como seu obá odofin, em substituição ao ilustre professor e antropólogo Vivaldo da Costa Lima.

A Bahia preparou-me uma nova família. Aqui, tenho irmãos e filhos, desfruto do zelo e cuidado de diversas outras mães-ebomes que cuidam de mim porque filho delas eu também sou. Vendo o avião pousar, naquela época, não fazia ideia da beleza, do encanto, da magia que me esperavam e me envolveriam para sempre.

Nesse breve retrospecto de minha vida, os acontecimentos parecem se encaixar como se tivessem sido predeterminados para ocorrerem dessa maneira. Sim, foi acertada a decisão de não ficar restrito ao horizonte de minha cidade natal. O meu projeto de vida não estava em Caxias. Eu precisava ir além, ultrapassar os limites natais, conhecer novos lugares, respirar novos ares, ter novas experiências.

Deputada Fabíola Mansur, com essas minhas palavras, desejei esboçar uma singela declaração de amor a este estado, que me fez acolher como filho, que há muito é meu e que agora, a partir de sua iniciativa, generosamente, me reconhece oficialmente. Sou eternamente grato pelo que, hoje, V. Ex.^a me proporciona, e estou exultante por receber esta honraria.”

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): A gente quer parabenizar o Dr. Ribamar por este título e pela declaração de amor à sua, agora, terra de direito, a Bahia.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para finalizar esta sessão histórica, nós temos duas músicas. A gente não poderia deixar de ter o Hino a Santo Antônio. Aliás, a gente está aproveitando a sessão do Dr. Ribamar ser no dia 13 de junho e está aqui o pãozinho bento, seguindo a tradição, quem acredita depois pode colocar o pãozinho na farinha ou em algum mantimento. E, claro, para um filho de Oxalá, a sessão tem que terminar com o *Canto para Oxalá*.

Então, a primeira música será o Hino a Santo Antônio, pelo Coral do Legislativo da ALBA, sob a regência do maestro Angelo Rafael e a segunda será o *Canto para Oxalá*, da nossa querida Rita Benneditto.

(Procede-se à execução do Hino a Santo Antônio.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Que Deus, o Todo-Poderoso, e Santo Antônio livrem todo mundo dos perigos do corpo e da alma.

Eu quero aproveitar, antes de ouvirmos a *Canção para Oxalá*, para agradecer ao vereador Lessa pela presença aqui hoje; a Dody Só, que estou vendo ali agora; a toda a minha equipe, a equipe do nosso gabinete: Olivinha, Tina, Izadora, estão todos ali, que organizaram esta sessão com muito carinho, Dr. Ribamar. (Palmas)

Ebome Nice está ali cantando. Na próxima, a senhora vai vir cantando também, abrindo a sessão! Considere-se sempre como sendo Mesa estendida, Ebome.

Bem, cadê Rita Benneditto? Ah, será música mecânica, não é? Rita está aí?

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Em nome do Poder Legislativo da Bahia, a gente agradece a presença de todos, do Coral do Legislativo da ALBA; de Jussara Silveira, de Rafael. Agradecemos as presenças ilustres dos familiares, dos amigos, dos médicos e da imprensa.

Declaramos encerrada, ao som do *Canto para Oxalá*, esta simbólica, mas merecida, sessão em homenagem ao mais novo cidadão baiano Dr. José de Ribamar Feitosa Daniel. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sesoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.